

Khalil Magno lança
seu segundo
(e ótimo) álbum

PÁGINA 3



Keanu Reeves
retoma John Wick
em 'Bailarina'

PÁGINAS 4 E 5



Denise Stoklos
volta ao Rio com
três espetáculos

PÁGINA 6



2º CADERNO

Uma vida para o samba

Biografia
mostra como
Beth Carvalho
encarou o
samba como
uma profissão
de fé

Parte do
projeto
Sambabook,
a biografia
escrita por
Rodrigo
Faour foca
na trajetória
artística de
Beth, figura
central na
valorização
do samba
a partir dos
anos 1970

Por **Augusto Diniz** (Folhapress)

Luana de Carvalho, única filha de Beth Carvalho, em depoimento à biografia “Beth Carvalho: uma Vida pelo Samba”, de Rodrigo Faour, conta que o diagnóstico inicial no problema da coluna da cantora foi de artrose e artrite. Mas, ao realizar exames, constatou-se um tumor no sacro, o osso localizado na base da coluna. Desde então, a

artista enfrentou diversos problemas que a fizeram usar cadeira de rodas. Luana contou que nesse tempo a cantora também recebeu o diagnóstico de câncer de mama. Após tratamento oncológico, o sacro perdeu a capacidade de coagulativa, de acordo com relato da filha. Com isso, o osso atacado com a doença infeccionava constantemente, o que levou a artista à morte, em abril de 2019, aos 72 anos, por infecção generalizada, depois de mais uma década de luta contra a enfermidade.

A biografia, que será lançada no Rio ain-

da este mês na Livraria da Travessa (Av. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon), integra o projeto Sambabook, que inclui ainda um álbum com regravações de músicas registradas pela sambista. O pesquisador Rodrigo Faour, autor da “História da Música Popular Brasileira sem Preconceitos”, entre outras obras, centra o relato essencialmente na carreira musical de Beth Carvalho. O coordenador do Sambabook, Afonso Carvalho (ex-produtor da Beth) conta que a escolha de Faour para assumir o livro foi da própria artista quando

soube em vida que seria homenageada pelo projeto.

A abordagem sobre sua saúde e o seu conhecido temperamento forte é feita somente no final do livro. A cantora adotou o samba como uma profissão de fé, mas também teve que enfrentar, além do perverso ambiente da indústria da música, o machismo do gênero que escolheu para cantar. Luana diz no livro que este seria um dos motivos do comportamento imperativo da artista.

Continua na página seguinte

Divulgação

Reprodução



No início de sua carreira, Beth Carvalho conquistou o Brasil defendendo, com os Golden Boys, a toada 'Andança', de Edmundo Souto, Paulinho Tapajós e Danilo Caymmi no III Festival Internacional da Canção, em 1968

Divulgação



Cena do documentário 'Andança - Os Encontros e a Memória de Beth Carvalho'; desde que aderiu ao samba, a cantora tornou-se assídua frequentadora das rodas. Nelas conhecia as canções que levaria para seus álbuns

Acervo Pessoal



Renomado pesquisador musical, Rodrigou Faour foi o nome escolhido pela própria Beth para produzir a biografia

Dos festivais às rodas de samba

Reprodução YouTube



Beth Carvalho desenvolveu uma relação muito especial com os partideiros do Cacique de Ramos e foi a responsável pela primeira gravação de uma canção do jovem Zeca Pagodinho, que viria a ser o mais ilustre de seus 'afilhados'

Elizabeth Santos Leal de Carvalho nasceu em uma família de classe média na Zona Sul. Antes do samba, frequentou as rodas da bossa nova e da MPB. O primeiro disco, "Conjunto 3D - Muito na Onda", saiu em 1967 com ela e Eduardo Conde nos vocais, do grupo comandado pelo pianista Antonio Adolfo. Na mesma época, seria associada ao movimento de vida curta Musicanossa, que tentava manter a bossa nova viva.

Faour vai narrando os acontecimentos a partir dos anos 1960. Na época, a indústria da música sobrevivia entre o rádio, a televisão que desabrochava e os festivais. Foi nestes últimos que Beth conseguiu abrir caminho na carreira.

Ativa nos concursos em evidência da época, foi com a apresentação da toada "Andança" - composição de Edmundo Souto, de quem ficou noiva, Paulinho Tapajós e Danilo Caymmi - com o grupo Golden Boys, no 3º Festival Internacional da Canção de 1968, que ganhou reconhecimento como cantora e obteve seu primeiro sucesso. A música ficou em terceiro lugar.

Optou pelo samba a partir de 1972. No ano seguinte, apresentou

seu primeiro álbum voltado ao gênero: "Canto Por um Novo Dia". A partir daí, o livro navega bem pelos discos da cantora, além de mostrar como sua ideologia se misturava aos seus trabalhos. Em seus registros fonográficos, abriu espaço para compositores de pouco reconhecimento por achar que as grandes músicas estavam nas mãos dessa gente esquecida. Gravou sambas que se tornaram enorme sucesso do gênero baseado na proposta de recolher composições na fonte do samba, como "1.800 Colinas" (Gracia do Salgueiro, 1974), "Saco de Feijão" (Chico Santana, 1977) e "A Chuva Cai" (Argemiro e Casquinha, 1980). Era onipresente nas rodas e escolas de samba, como a do coração, a Mangueira. Embora convivesse em ambientes de consumo elevado de bebida alcoólica, só bebia Coca-Cola.

Tinha profunda admiração por Nelson Cavaquinho e no primeiro disco gravou duas músicas do compositor. "Folhas Secas", dele com Guilherme de Brito, foi uma delas, que se transformou em polêmica por ter sido registrada pouco antes por Elis Regina no disco "Elis", depois que o produtor da gravadora, Roberto Menescal, incluiu no tra-

balho da Pimentinha sem o conhecimento de Beth.

Depois de a cantora fazer incursões numa roda de samba que acontecia na quadra do Cacique de Ramos, na Zona Norte do Rio, gravou o álbum "De Pé no Chão" (1978), um marco por trazer aquela talentosa turma para o seu disco. A geração do Cacique seria marcada, além das ótimas composições, pela mudança na instrumentação do samba, com a introdução do repique, tantã e banjo com afinação

de cavaquinho. E a cantora, a partir daí, passou a incorporar nos trabalhos seus compositores e músicos, que a chamavam carinhosamente de "Madrinha". A obra traz a lista dos compositores mais gravados por ela e a geração caciqueana está em peso: Arlindo Cruz, Sombriinha, Almir Guineto, Jorge Aragão, Luiz Carlos da Vila e Marquinho PQD. Soma-se a eles seu "afilhado" maior, Zeca Pagodinho.

Beth gravou músicas de cunho político-social em seus discos, tema

tratado na biografia com relevo. Duas se tornariam hinos: "Agoniza Mas Não Morre", de Nelson Sargento, lançada em 1978, e "Virada", de Noca da Portela e Gilper, lançada em 1981.

Para selecionar um repertório para um disco de 12 faixas, Beth e seus produtores chegavam a ouvir mais de 400 músicas. A cantora conhecia teoria musical e harmonia, o que fazia das suas escolhas algo muito criterioso. Teve discos de muitas vendas, mas o arrefecimento do ciclo do samba tradicional a atingiu. Criticou a música rotulada de pagode nos anos 1990, mas amenizou o discurso ao descobrir que boa parte dos pagodeiros a admirava. Começou a fazer álbuns ao vivo, para atender uma tendência de mercado, pontuada com músicas inéditas. Numa dessas, saiu o seu último sucesso: "Água de chuva do mar" (Wanderley Monteiro, Carlos Caetano e Gerson Gomes), no álbum "Pagode de Mesa 2" (2000). Já acamada, fez show deitada num sofá em 2018. Beth deixou uma gravação inédita, ainda não lançada, feita em 2006 no Theatro Municipal. A obra de Faour é uma referência de como construir uma carreira no samba.

Um furacão de autoralidade

Isabela Espíndola/Divulgação

Em seu segundo álbum, 'Alualuô', Khalil Magno esbanja maturidade ao unir lirismo e existencialismo. É um artista que deve (e muito) ser ouvido

Por Affonso Nunes

Um furacão do violão. Assim o violonista, arranjador e produtor Jaime Alem define Khalil Magno, jovem artista que lança nas plataformas digitais seu segundo álbum autoral, o excelente "Alualuô", que chega com a chancela do selo Biscoito Fino, berço de trabalhos de excelência musical. O novo trabalho confirma as excelentes expectativas geradas pelo disco de estreia do cantor e compositor, "De Cara pro Vento", de 2020, reafirmando sua maturidade artística, mesmo tendo ele tenros 30 anos de idade.

O novo trabalho reúne nove faixas inéditas, todas assinadas integralmente por Khalil, que busca neste projeto diversidade musical e poética, explorando diferentes temas e estilos num trabalho em sintonia profunda com os dias em que vivemos. Há um que das trovas de Belchior, Xangai, Chico César, Zé Ramalho e Bob Dylan neste paulista de Sorocaba, filho de mãe paraense e pai paulista. Khalil traz neste disco uma sólida consolidação de sua identidade sonora. De tanta brasilidade soa universal.

Além de assinar uma esmerada produção musical, o músico e maestro Jaime Alem participa como instrumentista, enriquecendo as tessituras sonoras do cancionista do jovem cantautor. A parceria entre o experiente músico e o jovem talento surgiu por indicação da produtora Ma-



Khalil Magno, que acaba de lançar o álbum 'Alualuô', compõe desde os 13 anos de idade. Além das letras inteligentes e em sintonia com o seu tempo, sua batida de violão é especial

ria Braga e do amigo Beto Feitosa, e foi responsável por um processo de gravação inusitado, sem o uso de metrônomo, para

garantir maior fluidez nas interpretações.

"Éramos eu no violão e voz, Jaime nas violas e efeitos, e Reginaldo Vargas na

percussão. Inicialmente, seria um EP de quatro faixas, mas acabamos gravando nove músicas", explica Khalil, cujo nome homenageia o escritor libanês Khalil Gibran. Jaime Alem destaca a potência do artista: "É compositor, cantor e instrumentista com uma presença única".

Entre as composições, Khalil revisitou canções antigas como "Meu Sexo e Só" e detalha o processo criativo de outras faixas, como "A Sorte da Vida", que teve a letra adaptada para evitar um tom narcísico, com auxílio do produtor. A sonoridade ganhou toques especiais, como os choalhos no manifesto cordelista-ambiental "Floresta de Pé e Fascismo no Chão" e efeitos de pedaleira em "Memória Astral", que ajudaram a dar cor aos arranjos gravados diretamente no estúdio da Biscoito Fino.

Destaque também para o existencialismo de "Psiconauta" ("Mas logo eu, um psiconauta calejado assim, trucoso / Desconfiei que o tal senhor era meu rosto / o verdadeiro e não aquele que eu mostro") e de "Fecunda Redenção" ("Amargamente um campo de batalha se revela / e eu vejo belo no profano dando um urro sussurando em meu ouvido: 'estou aqui'").

Compositor desde os 13 anos, Khalil também reflete sobre sua trajetória musical e suas influências: "Tudo que toco hoje, ouvi desde criança no carro do meu pai, embora eu dissesse que não gostava para contrariar os adultos", diverte-se. "Também ouvia muito rap nacional e funk dos anos 2000", entrega. Khalil diz recordar ainda a composição mais antiga de que se lembra, "Vagabundamente Puro", compôs aos 16 anos e que permanece relevante em seu repertório.

"Alualuô" revela aquela experiência que é adquirida com sofreguidão e apetite quase que voraz. É sensibilidade e reflexão flertando com experimentações sonoras. Khalil Magno chegou com personalidade à cena musical brasileira. Oxalá que este brilho autoral chegue ao grande público.





Com o astro em cena, o aguardado 'Bailarina' entra em circuito com a promessa de se tornar um dos mais rentáveis blockbusters do ano

Estreia de 'Bailarina' traz de volta o assassino John Wick, ferrabrás que reciclou a carreira do astro de 'Matrix', que aparece em HQs, bonecos e games

O balé de Keanu

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

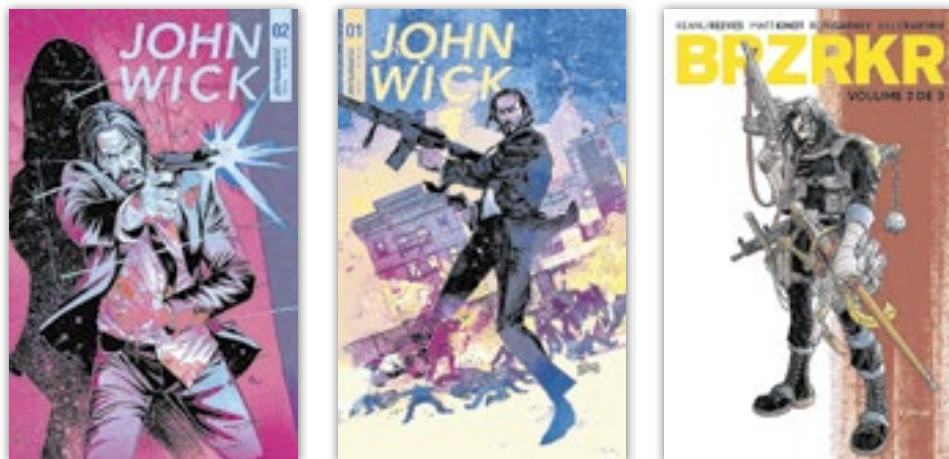
Esperado pelo Festival de Veneza no elenco do potencial ímã de Oscars 'Amizade em Altitude', Keanu Reeves tem ponto pra bater no circuitão na semana que vem, de volta a um de seus personagens mais icônicos: John Wick. Se te disseram que ele bateu as botas, duvide. Ao menos no esperado thriller "Bailarina" ("Ballerina"), com Ana de Armas, ele vai matar gente ruim de novo. A produção chega aqui no próximo dia 4, via Paris Filmes, com fome de lucrar milhões. Com direção de Len Wiseman ("Anjos da Noite"), a trama se passa durante os eventos de "Parabellum" (2019), parte três da saga de Wick, e acompanha a sanha assassina de Eve Macarro, que está começando seu treinamento nas tradições da organização Ruska Roma para se tornar um anjo da destruição. Keanu faz participação. Na prática, contudo, ele é um chamariz.



A trama de 'bailarina' se passa durante os eventos de 'Parabellum' (2019), parte três da saga de Wick, e acompanha a sanha assassina de Eve Macarro, que está começando seu treinamento para se tornar um anjo da destruição



Além de promover uma revolução narrativa na telona, John Wick deu asas aos quadrinhos para publicar uma minissérie de cinco partes além de ter gerado a criação de bonequinhos das mais variadas formas; em preparação para virar filme, com Keanu no papel central, 'BRZRKR' (abaixo à direita), uma HQ cocriada pelo ator, tem como protagonista um soldado misterioso encarado como um semideus pelas tribos vikings onde nasceu



Com quatro décadas de carreira e seis de vida, Keanu rabalhou sob a direção de gigantes como Bernardo Bertolucci ("O Pequeno Buda"), Francis Ford Coppola ("Drácula"), Kathryn Bigelow ("Caçadores de Emoção"), Rebecca Miller ("A Vida Íntima de Pippa Lee") e Gus Van Sant ("Garotos de Programa"). Emplacou o feito raro de estrelar três franquias pop, iniciadas em décadas diferentes. No fim dos anos 1980, ele dividiu com Alex Winter (hoje um documentarista de prestígio) o sucesso de "Bill & Ted: Uma Aventura Fantástica", que rendeu continuações e uma série de desenhos animados pra TV. Em 1999, foi a vez de ele lutar kung-fu, desafiar a gravidade e explicar Hegel e Kant aos cinéfilos no papel do hacker Neo no cult "Matrix", que rendeu três continuações (duas em 20023 e uma em 2021). A terceira franquia - que será expandida com o tal derivado,

ou spin-off, batizado "Bailarina" - foi iniciada em 2014, com o filme "De Volta Ao Jogo", que apresentou a Hollywood o legado Wick.

Seu longa mais recente, o 4, de 2023, faturou cerca de US\$ 440 milhões. Esse anti-herói é apelidado de "Baba Yaga" (termo que pode ser traduzido como Bicho-Papão, referindo-se a uma entidade das trevas).

Com Keanu em cena, ao lado de Ana de Armas, o aguardado "Bailarina" entra em circuito com a promessa de se tornar um dos mais rentáveis blockbusters do ano. Os números dos longas anteriores atestam essa expectativa: o primeiro custou US\$ 20 milhões e faturou US\$ 86 milhões; o segundo, custou US\$ 40 milhões e teve uma receita de US\$ 171,5 milhões; e o terceiro foi orçado em US\$ 75 milhões e arrecadou US\$ 327,3 milhões.

Tudo no mundo de Wick gira em torno

da cruzada de vingança desse pistoleiro infalível que, um dia, integrou a organização secreta chamada de Cúpula, que ele renega para cuidar de sua esposa doente, ficando apenas com o cãozinho dela - que, ao ser eliminado, instiga o sujeito a matar novamente. Mesmo simples, a premissa rendeu uma revolução narrativa na telona, deu asas aos quadrinhos para publicar uma minissérie de cinco partes escrita por Greg Pak e ilustrada por Giovanni Valletta e Matt Gaudio pra Dynamite Entertainment, além de ter gerado a criação de bonequinhos das mais variadas formas.

"Cheguei num momento da vida e da carreira em que preciso deixar um legado e ser mais seletivo nas minhas escolhas, para esboçar projetos que fiquem no imaginário das plateias", disse Reeves aos Correio da Manhã, em Cannes, em 2013, quando lançou seu (até hoje) único trabalho como cineasta, "O Homem do Tai Chi", lançado um ano antes de encarnar Wick pela primeira vez. "Fazer cinema é mexer com valores, é simbolizar afetos".

Pouco antes de "John Wick: Baba Yaga" ser feito, ele emprestou o rosto e a voz a um game: "Cyberpunk 2077", no qual encarna o personagem Johnny Silverhand. Paralelamente, ele ainda emprestou seu talento e seu perfil às histórias em quadrinhos, assinando o roteiro de um dos gibis mais vendidos dos EUA dos últimos dez anos: "BRZRKR". Best-seller, com 600 mil exemplares vendidos, o encadernado chegou aqui numa luxuosa edição da Panini Comics, que compila as aventuras de um guerreiro imortal. O astro idealizou a trama em parceria com Matt Kindt. Quem assina a arte é um mestre do desenho, com anos de Marvel em seu currículo: Ron Garney, que deslumbrava olhares na década de 1990 desenhando o Capitão América. O responsável pela ilustração da capa da versão que nos chega também por venda online - via <https://loja.panini.com.br/> - é o gaúcho Rafael Grampá, aclamado pela graphic novel "Mesmo Delivery", na década passada. Já em preparação para virar filme, com Keanu no papel central, "BRZRKR" tem como protagonista um soldado misterioso, encarado como um semideus pelas tribos vikings onde nasceu, amaldiçoado com a sina de durar (e matar) eternamente, tendo o próprio pai como um motor de sua bestialidade. Ele é conhecido simplesmente como Berzerker. Depois de vagar errante pelo mundo por milênios, sem encontrar um sentido para sua existência, Berzerker pode finalmente ter encontrado um refúgio, trabalhando para o governo dos Estados Unidos. Sua missão é travar batalhas contra

inimigos daquela nação sem perguntas as razões de seu intervencionismo militar. Em troca, ele receberá a única coisa que deseja: a verdade sobre sua existência infinita, encharcada de sangue.

Sempre dublado no Brasil por Reynaldo Buzzoni, Reeves nunca foi considerado um titã da boa atuação, mas já foi elogiado por mestres. Al Pacino, por exemplo, equiparou o colega a Johnny Depp e a John Cusack quando dividiu com as telas de "O Advogado do Diabo", em 1997. Mal sabia o eterno Michael Corleone que Reeves aceitou ganhar bem menos do que seu salário habitual para que Pacino pudesse ser custeado pela produção. Anos depois, foi a vez de um transgressor profissional, o diretor dinamarquês Nicolas Winding Refn, rasga-se em elogios a Reeves, ao filmar com ele "Demônio de Neon", em 2016.

"Quando cheguei no set e vi Keanu, todo generoso, sempre solícito, eu ficava olhando para os colegas dizendo: 'Gente, temos Keanu Reeves, a lenda, num pequeno filme de autor europeu'. Se ele não tivesse feito 'Bill & Ted', nunca existiria 'Se Beber, Não Case', pois foi ele quem abriu a porta para aquele tipo de humor nevrálgico. Se ele não tivesse feito 'Caçadores de Emoção' e, pouco depois, 'Velocidade Máxima', o cinema de ação que existe hoje não existiria. E toda a sci-fi contemporânea deve tudo ao Neo de 'Matrix'. Ele é o pilar de muita coisa", disse Refn. "Ele é a grife Keanu Reeves".

Estima-se que, pela força da venda de ingressos antecipados, "Bailarina" chegue perto de US\$ 500 mil na venda de ingressos. Os exibidores agradecem a Reeves. A indústria cinematográfica também agradece, afinal foi "De Volta Ao Jogo", onze anos atrás, que fez uma renovação da representação da violência na telona, graças à artesanaria de seus diretores, Chad Stahelski e David Leitch, dois dublês que se estabelecem como realizadores apostando numa narrativa cinemática, de puro movimento, sem diálogos descartáveis. É como se eles fizessem algo próximo dos desenhos do Papa-Légua com o Coiote - ou seja, perseguições com correria incessante - mas com atores. É uma revolução no pop. Revolução que encontra em Reeves seu rosto e seu rei.

Embora acalente o sonho de um dia viver Wolverine, ele agora vai retomar os laços com os quadrinhos retornando ao capote do mago John Constantine, para a DC Comics e pra Warner Bros., resgatando o universo sobrenatural em que atuou no cult de 2005.

Que Ana de Armas consiga se destacar em cena - com o talento que tem, será fácil - sem a sombra de Wick.

Aós duas décadas sem realizar temporada na cidade, Denise Stoklos volta ao Rio com um projeto inédito no Teatro I Love PRIO. Aos 75 anos, a consagrada atriz, diretora e escritora apresenta três espetáculos de seu repertório, em três finais de semana consecutivos. A temporada marca não só seu reencontro com o público carioca, mas também a celebração de uma trajetória que transformou a linguagem cênica no Brasil e no exterior.

A maratona começa com “Mary Stuart”, nos dias 6, 7 e 8 de junho. Estreado em 1987 no Teatro La Mama, em Nova Iorque, o espetáculo é um dos marcos do chamado Teatro Essencial, conceito desenvolvido por Denise que propõe a utilização mínima de recursos materiais e o máximo das capacidades do ator — corpo, voz e pensamento. Sozinha em cena, a atriz interpreta simultaneamente Mary Stuart e Elizabeth I, numa encenação que atravessa séculos, alterna personagens sem trocas de figurino e transforma o palco vazio em uma arena de poder, ironia e reflexão.

Na semana seguinte, nos dias 13, 14 e 15 de junho, entra em cartaz “Elis Regina”, solo gestual criado em 1983 logo após a morte da cantora. Nele, Denise homenageia a intérprete sem imitá-la, criando um corpo cênico para suas canções. Em meio a clássicos como “Se eu quiser falar com Deus” e “Maria, Maria”, o espetáculo evoca a urgência emocional de uma artista em estado bruto. “Foi o primeiro espetáculo autoral em que não quis interpretar um personagem, mas viver a Elis dentro de mim”, diz Denise, que dispensa elementos cênicos além de uma cadeira, o próprio corpo e a música.

Encerrando a trilogia, “Um Fax para Colombo” será apresentado nos dias 20, 21 e 22 de junho. Criado em 1992, o texto é um manifesto político que denuncia os legados da colonização nas Américas, da escravidão aos regimes autoritários, e convida o público a refletir sobre os ciclos de dominação ainda presentes na sociedade. A versão que chega ao Rio é uma leitura cênica comemorativa pelos

30 anos da peça, apresentada recentemente no Festival Internacional de Teatro Mercosur, em Córdoba, com grande repercussão. “Sou artista e latina, e entendo minha missão como um exercício essencial de questionamento do mundo”, afirma Denise.

O projeto é uma realização da Bucker Produções Artísticas em parceria

com o Teatro I Love PRIO. Para o produtor Caio Bucker, que iniciou sua carreira em um espetáculo dirigido por Denise, a trilogia tem um valor pessoal e histórico: “Assistir à Denise há 20 anos mudou minha forma de entender o teatro. Agora, poder produzir seu retorno ao Rio é um privilégio. O público certamente vai se emocionar”.

Um regresso essencial

Denise Stoklos retorna aos palcos cariocas com trilogia inédita que reúne os espetáculos ‘Mary Stuart’, ‘Elis Regina’ e ‘Um Fax para Colombo’

SERVIÇO

TRILOGIA DENISE STOKLOS

6 a 8/6: Mary Stuart

13 a 15/6: Elis Regina

20 a 22/6: Um Fax para Colombo

Teatro I Love PRIO — Jockey Club Brasileiro (Av. Bartolomeu Mitre, 1110B - Leblon)

Sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Febre de BDs

Expectativa em torno de 'Lusitânia', o novo Astérix, amplia a procura por graphic novels de origem francesa no mercado editorial brasileiro e agita vendas de quadrinhos

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

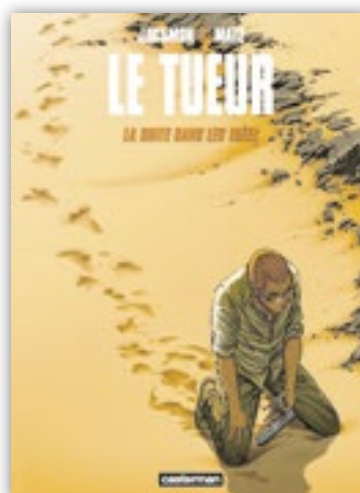
Nem Marvel, nem DC: na Europa, quando o assunto é quadrinho, o papo é BD. A sigla de banda desenhada enlaça fenômenos como "Cyborgs", escrito por Jean-Luc Istin e desenhado por Kael Ngu com foco na transformação dos corpos numa Terra do Amanhã. Nela, a engenharia robótica usada para substituir braços, pernas e até espinhas é reservada para a elite. Apesar disso, Russel, um gênio em mecânica, ajuda os menos afortunados, até mesmo elevando alguns à categoria de super-humanos... os tais ciborgues do título... como a justiceira Yuko, que enfrenta a horda de vilões Trakeurs.

As altas vendas desse álbum são um reflexo da corrida às livrarias e lojas especializadas em HQs (gibiterias, ou BDterias) em busca de um lançamento em sintonia com o legado gaulês de René Goscinny (1926-1977) e Albert Uderzo (1927-2020). Os pais de Astérix e de Obélix criaram uma dupla de personagens que se candidatam à Eternidade. A recente publicação de uma série de revistas em formato (cerca de 27 cm) com o cãozinho Ideiafix trouxe alegria para as vendas do setor. A felicidade maior, no entanto, está agendada para 23 de outubro, data da publicação de "Astérix en Lusitanie". É uma cruzada ambientada nas terzinhas peninsulares onde fica Portugal. Com a estreia recente de uma série de ani-

mação na Netflix baseada no espólio criativo de Goscinny e Uderzo, os holofotes sobre essa grife gráfica estão com as luzes em força total.

"Astérix en Lusitanie" conta com a arte de Didier Conrad, quadrinista hoje responsável por dar sequência às peripécias gráficas do guerreiro criado na revista "Pilote", em 29 de outubro de 1959. Ele e o roteirista Jean-Yves Ferri já trabalharam no universo de Goscinny e Uderzo antes em "A Filha de Vercingetorix", lançado entre nós pela Ed. Record. Na Fnac e nas revistarias de Cannes, todo dia alguém vai lá ter se tem um latido novo de Ideiafix ou se já chegou essa tão aguardada incursão de Obélix e seu amigo invocado pela pátria dos pastéis de nata. Com isso, o comércio das BDs se amplia. Uma das que mais saem é "Le Tueur", uma série de tramas policiais quadrinizadas pela dupla Matz (autor dos roteiros) e Luc Jacamon (seu desenhista), que foi publicada originalmente pela editora Casterman, a partir de 1998, na coleção Ligne Rouge. Virou filme, em 2023, com Michael Fassbender no papel principal e David Fincher na direção. Chama-se "O Assassino" mesmo e está na já citada Netflix. Trata-se da saga de um matador cheio de tormentos, alienado da culpa a partir do senso de perfeccionismo radical que move seu gatilho.

Em sintonia com o lançamento da Netflix de "As Ladrões", a editora Pipoca e Nanquim lança por aqui uma versão da HQ que inspirou o filme estrelado e dirigido por Mélanie Laurent: o thriller gráfico "A



Grande Odaliscas", escrito por Bastien Vivès e desenhado por Florent Ruppert. Nele, Alex e Carole, duas assaltantes sedutoras e desencanadas, voam alto em seus golpes e são capazes de furtar qualquer coisa, em qualquer museu. Mas diante da dificuldade de sua próxima missão, que as levará ao Louvre para surrupiar a obra-prima de Jean-Auguste



Dominique Ingres, elas saem em busca de uma terceira colega. Será que a motociclista Sam, com seus vários talentos, estará à altura do cargo?

Nas lojas especializadas do Rio e de São Paulo, algumas das melhores BDs com tradução trazem a marca criativa do cineasta, tarólogo e xamã chileno (radicado na

França) Alejandro Jodorowsky, o diretor de "El Topo" (1970), como é o caso da BD "Sangue Real", já à venda na Amazon, sob edição da Comix Zone. Dongzi Liu ilustra o álbum, regando sequências de batalhas capa & espada com coágulos frescos. A trama começa com um rei, o destemido Alvar, ferido, traído e abandonado à beira da morte. Destruido por seus inimigos, ele jura recuperar seu trono e seus direitos. Com o coração inflamado por um ódio selvagem, ele semeia a loucura e o terror, até que sua sede de vingança se volta contra ele, em um turbilhão de lágrimas e sangue. São 232 páginas de cores exuberantes.

Jodorowsky volta a soltar seus demônios avessos a moralismos em "Borgia", amparado pelo traço do mais renomado erotômano do quadrinho na Europa: o italiano Milo Manara. A edição da Pipoca e Nanquim compila quatro volumes publicados no exterior entre 2004 e 2010 num tijolo quente de 228 páginas. Sua narrativa nos leva ao século XV, um tempo no qual, por meio de intrigas, subornos, ameaças e outros crimes, o espanhol Rodrigo Borgia torna-se o papa Alexandre VI e dá início a um dos períodos mais controversos e deturpados da Igreja Católica, enquanto ostenta o cargo de seu representante máximo (de 1492 a 1503). Tido como o sumo pontífice mais corrupto de todos os tempos, ele faz de sua família o primeiro clã mafioso da História. Quatro grandes personagens - César, Lucrecia, Giovanni e Godofredo - levam a marca corrupta de Rodrigo pelo mundo.

Também nos chega via Pipoca & Nanquim o imperdível "O Voo do Corvo", de Jean-Pierre Gibrat ("Destino Adiado"). Por meio de suntuosas ilustrações, somos levados a 1944, durante a ocupação alemã da França. O cerco nazista já está com os dias contados quando Jeanne, combatente da Resistência, é presa após uma denúncia anônima. Enquanto aguarda ser entregue às tropas hitleristas, ela conhece François, um debochado ladrão apolítico que a ajuda a escapar e os lança em uma aventura fascinante pelos telhados e ruas de Paris.

Exposição reúne obras inéditas de Bel Barcellos com bordado, cerâmica e memória feminina

Por Affonso Nunes

A artista visual Bel Barcellos apresenta trabalhos inéditos na exposição “Corpo abrigo”, em cartaz até domingo (1) na Galeria do Lago, no Museu da República. A mostra reúne trabalhos inéditos que mesclam bordado, costura e cerâmica, em uma pesquisa que evoca memórias afetivas e saberes ancestrais, com foco na experiência feminina.

Sob curadoria de Isabel Portella, a exposição marca a primeira vez em que Bel Barcellos incorpora a cerâmica à sua produção visual, com destaque para as instalações “Manas” e “Oferenda”. Ao bordar sobre lona e linho, a artista cria composições nas quais a figura feminina ocupa o centro da cena, entrelaçada a narrativas emocionais e subjetivas. Essa técnica, que ela define como desenho bordado, também aparece em obras como “Iabás”, “Do pó da terra”, “Mais um dia, menos um dia”, “O rio abaixo do rio” e “Devaneio”.

A trajetória da artista combina vivências internacionais e formação em diversas linguagens. Nascida em Boston, em 1966, enquanto seu pai cursava pós-graduação no MIT, Bel viveu a infância em Recife e parte da adolescência na Califórnia, onde teve as primeiras aulas de desenho e modelo vivo. De volta ao Brasil, estabeleceu-se no Rio em 1984, onde estudou desenho com Gianguido Bonfanti no MAM, e depois pintura no Parque Lage



Bel Barcellos e tela Ânima, um bordado sobre lona e linho no qual a figura feminina ocupa o centro da cena

Nas tramas do afeto

Jaime Acioli/Divulgação



tela da série labás

SERVIÇO CORPO ABRIGO

Galeria do Lago - Museu da República
(Rua do Catete, 153)
Até 1/6, de terça a domingo e feriados (10h às 17h)
Entrada franca

Divulgação



Instalação Oferenda

com Manfredo de Souza Netto e Daniel Senise. A partir de 1996, passou a integrar bordados em suas criações, transformando-os em linguagem central de sua obra a partir dos anos 2000.

Além das artes visuais, Bel formou-se em artes cênicas pela UniRio e fez mestrado na Universidade de Hull, na Inglaterra. Trabalhou como figurinista em teatro e televisão, inclusive na TV Globo e na Manchete. Desde 1994, dedica-se exclusivamente às artes visuais, com exposições em instituições como o Museu Nacional de Belas Artes, a Casa de Cultura Laura Alvim, o Museu da República e espaços internacionais como o Museu MACAY, no México, e instituições em Moçambique.

Sua produção integra coleções importantes, como a Ella Fontanals-Cisneros Collection, o Museu de Arte do Rio (MAR), o MNBA e acervos particulares no Brasil e no exterior.